

A IMAGEM DA CIDADE: A SOCIOLOGIA URBANA ANALISADA ENQUANTO DISCURSIVIDADE

Emias Oliveira da Costa¹

Clara Dulce Pereira Marques²

Resumo: Este artigo objetiva analisar a *imagem discursiva* que a sociologia urbana da virada do século XX constrói acerca da *cidade*. Detemo-nos especialmente sobre a descrição da forma como aquela sociologia olha para o objeto que ela construiu para si: que objeto é esse e a partir de que conceitos ela o desdobra. Abordamos os enunciados da sociologia urbana enquanto *discursividade*, partindo das formulações teóricas de Michel Foucault (1999, 2007, 2013). A noção de *imagem discursiva* com a qual trabalhamos provém da articulação entre a ideia de uma *semântica global dos discursos*, formulada por Maingueneau (1993, 2008), e da noção de *visibilidade/dizibilidade* (FOUCAULT, 1999; Albuquerque Jr 1999). O *corpus* desta pesquisa é composto principalmente por enunciados provenientes do texto *Confiança e medo na cidade* (2009), além de outros textos do *arquivo* da sociologia urbana.

Palavras-chave: discurso; sociologia urbana; imagem da *cidade*.

Abstract: This paper aims to analyze the *discursive image* that urban sociology elaborates about the city. We focus especially on the description of the image that urban sociology does of the object it built for itself: what is this object and from what concepts it unfolds. We take the knowledge of the urban sociology as a discourse, based on the theoretical formulations of Foucault (1999, 2007, 2013). The notion of *discursive image* has its originate of the relationship between the idea of *semântica global dos discursos*, formulated by Maingueneau (1993, 2008), and the notion of *visibilidade/dizibilidade* (FOUCAULT, 1999; ALBUQUERQUE JR, 1999). The *corpus* of this research is mainly composed of statements from the text *Confiança e medo na cidade* (2009), as well as other texts of the urban sociology *archive*.

Keywords: discourse; urban sociology; image of the *city*.

Introdução

Não é uma verdade da *cidade* que desejamos expor neste trabalho. O olhar que a sociologia urbana constrói acerca desse espaço não se constitui para nós um estereótipo que é preciso combater. Aliás, numa sociologia tão propensa à afirmação da *heterogeneidade*, de

¹ Graduação em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestrando do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Graduação em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Mestranda do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Pesquisadora do GEDUERN.



que estereótipo se poderia falar se é a partir do questionamento da ideia de unidade e identidade homogênea que ela elabora o seu discurso? Se há para nós uma determinada imagem que a sociologia urbana constrói da *cidade*, essa imagem não é mais do que a edificação uma visibilidade e uma dizibilidade (ALBUQUERQUE JR, 1999), um objeto para o qual se olha, e que já foi decerto olhado antes, mas não do modo como se olha agora.

Dessa forma, não nos cabe cotejar duas ou mais imagens da *cidade* e, após avaliá-las pormenorizadamente, apontar aquela que, para o nosso discurso, melhor representaria a realidade. A realidade com a qual lidamos aqui é a dos discursos. Se é possível pensar a *cidade* de determinada forma não é apenas porque há uma realidade extradiscursiva que condiciona esse pensamento (FOUCAULT, 2007). Não se trata de negar o que o discurso da sociologia urbana pretende ser nem de questionar a legitimidade da pergunta que ela não cessa de retomar – o que é a *cidade* contemporânea? –, mas principalmente de investigar os conceitos de que ela lança mão para responder esta pergunta, bem como identificar os elementos a que ela dá visibilidade quando se trata de afirmar “isto é a realidade da cidade contemporânea”.

E se nos interessa estabelecer uma rede coerente entre tais conceitos e, ainda, saber que elementos servem à aplicação desses conceitos, não é para fazer uma história epistemológica da sociologia ou traçar uma trajetória de certos conceitos, a fim de perceber num discurso sociológico remoto, o germe incipiente da sociologia contemporânea; ou de, a partir do crescimento acelerado da população urbana nos últimos dois séculos, justificar a emergência do problema sobre o qual a sociologia urbana se debruça. A visibilidade do discurso da sociologia urbana nos conduz àquilo que é tomado como figura metonímica da realidade da *cidade*; isso significa que, para além da qualidade dos métodos empregados e do alcance dos conceitos elaborados, o discurso da sociologia urbana constrói uma imagem da *cidade*.

É possível analisar essa imagem em termos da força de subjetivação que a caracteriza, haja vista o prestígio social do discurso acadêmico, e, assim, perceber o modo de ser e sentir do *homo tolerant* que ela pressupõe. É possível também analisar as relações de poder que essa imagem discursiva implica, apontando as práticas de poder que esse saber sociológico pode engendrar, haja vista os isomorfismos vários que se pode estabelecer entre a imagem da cidade pautada na ideia de *heterogeneidade* e os mecanismos sociais de poder pastoral, tão próprios da sociedade de nosso tempo e tão interessados na investigação das *múltiplas individualidades* (FOUCAULT, 2010).

Sem perder de vista essas duas possibilidades, este trabalho se atém na descrição/interpretação da imagem que o discurso da sociologia urbana forja acerca da *cidade*. Essa imagem surge do arcabouço conceitual que a sociologia urbana constrói para olhar a cidade; surge também do lugar de onde provêm problemas que ela levanta e as questões urbanas que ela escolhe para discutir.

O dizer verdadeiro, o autor e as discursividades

Se é certo que o ponto sobre o qual Foucault detém as suas análises é o discurso, é certo também que, para ele, “[...] o discurso não é uma infraestrutura e também não é um outro nome para ideologia” (VEYNE, 2009, p. 33). O discurso é a instância de determinação de uma unidade a que Foucault chama de *formação discursiva*. Ocorre, todavia, que a definição dessa unidade não se dá, na arqueologia, de maneira tranquila; pelo contrário, ela é o problema central nas pesquisas arqueológicas de Foucault.

Em *História da loucura*, por exemplo, Foucault se lançou sobre a possibilidade de definir a unidade de uma formação discursiva a partir de um objeto – a loucura – marcado por uma heterogeneidade de enunciados, os quais provinham não somente do campo médico, mas também do campo jurídico etc. O objeto não constituía, no entanto, uma unidade, pois o que se dizia sobre o louco não poderia ser indiferentemente agrupado num único e mesmo bloco. Tomando-se o discurso psicopatológico como critério de unificação, o problema, ainda assim, não se resolvia, porque, ao longo do tempo, transformava-se o modo de descrever, analisar e associar a loucura, bem como a função que desempenhava o discurso sobre ela. Dessa forma, o objeto não existia por ele mesmo, mas era produzido historicamente pelos discursos.

Por isso, a unidade de uma formação discursiva não pode ser descrita a partir de um único e mesmo objeto, mas sim pela caracterização das regras que permitem o aparecimento de múltiplos objetos. A loucura é uma dispersão de objetos, mesmo que ela seja analisada dentro de um recorte histórico preciso; é justamente essa simultaneidade, essa coexistência de objetos que é preciso descrever; nessa multiplicidade de objetos a loucura funciona apenas como um *referencial* para muitos objetos.

Em *O nascimento da clínica*, o problema da unidade de uma formação discursiva se apresenta concomitante ao problema da emergência de um único e mesmo tipo de enunciação. A formalização da medicina parecia associada a uma espécie de homogeneização de seus enunciados, fruto de uma certa articulação entre olhar e linguagem, o que fazia do médico um olho que observa e descreve (MACHADO, 2006). Mas a descrição era, de fato, apenas uma

das muitas modalidades enunciativas que atravessavam o discurso médico. Além disso, a própria descrição não se consolidou definitivamente na história da medicina, pois ela nem sempre descreveu a mesma coisa, nem a posição do sujeito que olha foi sempre a mesma, nem os métodos de observação foram sempre os mesmos.

Por consequência, uma formação discursiva não pode definir a sua unidade a partir do critério de uma única caracterização formal de seus enunciados (MAINGUENEAU, 2008, 1993). Eles são heterogêneos e cabe saber, para definir suas regras de formação, como eles se relacionam, se excluem e se apoiam um no outro. A dispersão das *modalidades enunciativas* é, simultaneamente, dispersão dos lugares institucionais de onde é possível falar; essa dispersão não encontra sua unidade numa interioridade que busca expressar-se, uma vez que ela é “um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos” (FOUCAULT, 2007, p. 61).

Em *As palavras e as coisas*, a unidade de uma formação discursiva é encontrada para além da unidade de uma arquitetura conceitual. Embora seja possível reconhecer, a princípio, uma coerência conceitual na Gramática de Port-Royal, por exemplo, logo surgem outros conceitos que se mostram incompatíveis e que inviabilizam a possibilidade de uma unidade da gramática clássica enquanto estrutura coerente de conceitos. Mas é possível, todavia, descrever um sistema de regras que dê conta dessa incompatibilidade de conceitos, ou seja, de sua dispersão. Em *As palavras e as coisas*, Foucault descreve uma rede teórica que, construindo-se fora dos limites restritos à gramática clássica – mas sim no interstício formado pela história natural, a análise das riquezas e pela gramática geral –, pode ser capaz de abarcar conceitos incompatíveis. Essa rede teórica fornece a série de elementos problematizados, a partir dos quais os conceitos podem se dispersar.

É possível, ainda – uma vez desarticuladas as possibilidades de estabelecer uma unidade do objeto, ou da modalidade enunciativa ou da arquitetura de conceitos – supor que, dentro das ciências humanas, tão propensas ao jogo dos interesses de grupo, possam ser delimitadas certas unidades discursivas a partir de uma identidade de opinião. Assim, o tema do evolucionismo poderia se configurar como uma hipótese que, da história natural à biologia, mobilizou um conjunto de pesquisas que se esforçaram por comprová-lo, às quais se poderia atribuir uma unidade. Mas o evolucionismo do século XVIII não é o mesmo do século XIX: aquele está inserido no problema próprio da história natural – a construção do quadro das espécies –, e este resulta do questionamento acerca da relação entre o organismo e o meio.

Trata-se de duas conjunturas conceituais e dois sistemas de objetos diferentes e, portanto, de dois evolucionismos.

Em se tratando do tema fisiocrata em oposição ao tema utilitarista, tão marcados por interesses políticos conflitantes, ambos não passam de um conflito de superfície; num outro nível de análise, os dois não constituem duas unidades discursivas, mas provêm do mesmo sistema de dispersão de temas, o que evidencia que a unidade de uma formação discursiva não se confunde com uma identidade político-ideológica.

O que individualiza uma formação discursiva não é a unidade de uma “ciência”, nem a de uma “obra”; não é a prevalência de um e mesmo objeto, conceito, forma de enunciado ou tema. Trata-se de encontrar “um sistema regrado de diferenças e dispersões” (FOUCAULT, 2013, p. 111). Ou seja, de buscar, agindo sobre todos os *objetos*, uma regra de formação; de extrair da multiplicidade de *modalidades enunciativas* uma conjuntura de relações que descentram o sujeito falante; de observar, sob a incompatibilidade dos *conceitos*, uma única rede teórica; de definir, para além das polêmicas de superfície, uma regra a partir da qual se formam os *temas*; a descrição de uma formação discursiva, portanto, situa-se nesses quatro níveis autônomos, ainda que relacionados uns com os outros. Tal descrição dá conta, sobretudo, do que Foucault chama de *positividade*, ou seja, preocupa-se mais com as lacunas do que com a coerência, mais com a dispersão do que com os elementos comuns.

A cidade e o olhar da sociologia urbana

Que problema é esse que a sociologia urbana chama de *cidade*? Uma resposta sucinta – e, portanto, superficial e imprecisa, justamente porque os discursos e os problemas que eles levantam não compõem um bloco homogêneo e facilmente resumível, mas são antes uma dispersão –, afirmaria que o problema da *cidade* que a sociologia urbana de nosso tempo faz emergir não se desvencilha da problematização do que seja a sua *globalidade*. A *cidade* e aquilo que, em *Confiança e medo na cidade*, é chamado, por vezes, de “cidade global” não produzem, quando permutados, nenhum equívoco terminológico ou oposição conceitual; a sua *globalidade* não constitui um traço tipológico da *cidade*, mas sim um destino do qual nenhuma cidade contemporânea pode exonerar-se, pois até mesmo as cidades que se fecham em si mesmas estão “[...] desarmadas diante do vórtice global” (CASTELLS apud BAUMAN, 2009, p. 33).

Por isso, a imagem da *cidade* se constrói semanticamente ligada à noção de *globalidade*. A possibilidade de um saber que se interessa pela *cidade* se efetiva em estreita

relação com a elaboração discursiva de uma ruptura histórica, da qual a *cidade* é o efeito mais patente e o desdobramento mais grandioso. Se ela pode chamar para si saberes diversos, transformando-se no epicentro para o qual confluem os olhares econômico, histórico, antropológico, sociológico é porque a sua imagem é a afirmação das transformações históricas; a cidade funciona como uma espécie de documento – concreto como sua arquitetura – da história presente, que se transforma diante dos olhos de quem atravessa tantos becos e ruas.

Para a sociologia urbana, o estudo da *cidade* não é mais que o diagnóstico daquilo que ela chama de *contemporaneidade*. Descrevendo-a, ela se esforça por descrever um tempo, isto é, por formular uma periodização, cujo começo parece ainda fazer-se sentir em sua vibração explosiva, e cujo fim pode assaltar-nos a qualquer momento. A cidade, assim, elabora-se discursivamente como o lugar das transformações constantes e imperiosas, nunca o das permanências. A *liquidez* da *cidade* explica a *liquidez* da periodização, de modo que o saber explica o objeto, e este, por sua vez, explica o saber. A verdade epistemológica que a sociologia pressupõe se constrói a partir dessa relação entre a forma do saber e a forma do objeto, o que significa dizer ainda que a sociologia urbana esforça-se tanto por dizer a *cidade* quanto por senti-la.

Por esforçar-se em sentir a cidade, a sociologia urbana não se esquivava de desaguar numa psicologia da *cidade* ou, talvez, numa psicanálise do homem citadino ou da *cidade* humana, o que daria no mesmo, pois a sociologia parece sugerir que o homem é a própria *cidade*: “[...] quando falamos das condições de vida na cidade, estamos nos referindo, na prática, às condições de vida de toda a humanidade” (BAUMAN, 2009, p. 56); assim, desdobra um problema que o pensamento moderno não cessou de retomar. As modalidades enunciativas a partir das quais se constrói o discurso da sociologia urbana assentam-se sobre um repertório de termos psicológicos; somente dessa aproximação discursiva é que se pode compreender a possibilidade de se falar de algo denominado *cidade esquizofrênica*.

Essa *esquizofrenia* pressupõe, para fazer-se constituir nos limites de um dizer verdadeiro, sobretudo uma problematização da *cidade* enquanto *cotidiano*. A sociologia urbana deseja olhar todas as intermitências da rotina da *cidade* para, ao mesmo tempo, averiguar o sentido das distâncias espaciais e pôr em questão a relatividade da proximidade. Ela é uma ciência do *cotidiano urbano* e, por isso mesmo, ciência da *vida da cidade*. Mas não é o *orgânico* da *vida* que ela tenta compreender, embora isso não seja estranho à sociologia das instituições sociais tomadas como *órgãos* de um *corpo*. A sociologia urbana, porém, não é

menos corpórea, haja vista o seu interesse pelas *neuroses* da *cidade*, pelo que essa tem de *doentio*, de *não-orgânico*. Isso se explica porque a *doença* da *cidade* é também a sua *saúde*, a sua condição de possibilidade.

É da supervalorização do indivíduo e da ausência do vínculo entre homem e homem que nasce o caráter *não-orgânico* da *cidade*. Ela é o lugar do *incerto* porque já não possui a solidez de um espaço controlado pela força regulamentadora do Estado moderno. Aplicada à *cidade*, a noção sociológica de *solidariedade* constitui-se como abstração cujo contraponto faz emergir a ideia de *desregulamentação*. Ora, o sentido que daí é elaborado pela sociologia urbana não está distante daquele que a mídia televisiva também esforça por elaborar, a saber: a imagem de uma *cidade caótica*, de uma vida urbana “desconcertante, perturbadora e vagamente ameaçadora, por ser turbulenta e confusa” (BAUMAN, 2009, p. 39); tal imagem, a um só tempo, justifica o olhar para o *cotidiano* e a preocupação com a *sociabilidade* entre os que povoam a *cidade*.

Se, ao tomar a *cidade* a partir do que ela implica do ponto de vista psicológico, a sociologia urbana se constrói como saber corpóreo, pondo-o nos limites da *doença* e da *saúde* – tomando-as não de maneira dicotômica, mas fazendo da *esquizofrenia* um modo de ser saudável –, o mesmo se pode dizer quando se trata de analisar o interesse que ela manifesta pelo *cotidiano* da *cidade*. Em que espaços se detém a sociologia urbana no instante em que volta o seu olhar para o *cotidiano*? Em *Confiança e medo na cidade*, embora o foco recaia sobremaneira nos espaços onde reside o homem urbano – onde, portanto, é possível viver a experiência do ponto fixo em oposição às zonas de passagem de que é feita a cidade –, nada impede que os espaços mais recônditos sejam atravessados pelo olhar do sociólogo urbano. Por um lado, ele é tanto um discurso de legitimação dos espaços marginalizados quanto um exercício de poder pastoral (FOUCAULT, 2010), tendo em vista que se incumbe de fazer falar a subjetividade de todos os espaços.

Dessa forma, a sociologia urbana compreende que os espaços falam e que, consequentemente, a *cidade* é um vozerio intangível, um complexo de signos multiformes. Cabe a ela interpretá-los, desvelar os seus *sentidos obscuros*, fazendo da *cidade* um *inconsciente* e, por isso, uma linguagem. Se a *cidade* é abundante de signos, não é tanto pelo aspecto histórico de sua arquitetura e monumentos memoriais; os signos da *cidade* são, sobretudo, os que se elaboram no *cotidiano* de um presente singular e mutante; os que se produzem da interação entre o *corpo* e os espaços por onde ele transita: “[...] é nos lugares que se forma a experiência humana, que ela se acumula, é compartilhada e que seu sentido é



elaborado, assimilado e negociado” (BAUMAN, 2009, p. 35). A experiência do *corpo no lugar* tomada em termos de uma relação *saúde/doença* faz da sociologia urbana uma ciência da população e suas práticas cotidianas.

A *verdade* que a sociologia urbana elabora ampara-se necessariamente na experiência do *cotidiano*. A força argumentativa das *experiências de campo*, isto é, aquilo que é possível à experiência cotidiana e sensitiva do pesquisador, funciona mais efetivamente do que aquilo que possível apenas evidenciar numericamente. Assim, se a *cidade* é o lugar do *individualismo*, outro argumento não pode melhor servir de sustentação a essa tese do que a experiência cotidiana de uma arquitetura residencial que separa os homens de sua vizinhança. É porque os muros podem ser vistos e vividos rotineiramente que o *individualismo* se torna uma característica da *cidade*.

À ausência de vínculo entre os homens urbanos vem somar-se a ligação indiferente desses homens ao território da *cidade*. A identidade da *cidade* é a negação de qualquer *identidade territorial*, de modo que o homem urbano pode viver territorialmente com outros e identitariamente distante deles. O jogo da *proximidade* e da *distância* – “[...] todos sabem que viver numa cidade é uma experiência ambivalente; ela atrai e afasta” (BAUMAN, 2009, p. 46) –, bem como o interesse que a sociologia urbana alimenta em relação ao *cotidiano*, colocam, para esse discurso, não tanto o problema do *modus vivendi* quanto do *modus convivendi*. Ele não cessa de se perguntar como e quando a *sociabilidade* é possível na dinâmica *esquizofrênica, não-orgânica e individualista da cidade*.

Por que a *cidade* pode emergir como um problema de *sociabilidade*? Este problema, mas também todos os outros que insurgem no discurso da sociologia urbana – o da *globalidade*, da *desregulamentação*, da *neurose*, do *individualismo*, do *cotidiano* – são atravessados por uma mesma imagem: a de uma *cidade heterogênea*. No cerne dessa elaboração da imagem da *cidade* está a figura do estrangeiro. Estar na *cidade* é expor-se à convivência desses desconhecidos; é viver a experiência de uma extraterritorialidade impossível de ser circunscrita por um limite preciso.

Uma vez concebida enquanto dinâmica, movimento, transformação, essa imagem da *cidade* recusa toda identidade estática. Nem mesmo os aglomerados étnicos, que se apresentam como pontos localizados em meio à multiplicidade da *cidade*, são lidos a partir de uma noção de unidade: “[...] longe de refletir uma ontologia estática da existência ou da comunidade, as localidades são construções dinâmicas, em formação” (SMITH apud BAUMAN, 2009, p. 29). Para o discurso da sociologia urbana, trata-se sempre de encontrar a



heterogeneidade territorial da *cidade*, seja na superfície da paisagem urbana, seja sob a aparência de uma unidade. Não basta dizer a *cidade*; para inserir-se no âmbito do discurso da sociologia urbana é preciso dizer a *cidade* no que ela tem de *heterogêneo*.

O medo e todas as outras sensações psicológicas que a sociologia urbana identifica no homem da *cidade* resultam exatamente do fato de esta ser um espaço *heterogêneo*. O *outro* é sempre um mistério para os que habitam a *cidade* e, por isso mesmo, ela não pode deixar de ser surpreendente, pelo menos potencialmente. Mas ao mesmo tempo em que a *heterogeneidade* produz a imagem de uma *cidade* aberta a mil e uma possibilidades de encontros, desejos, liberdade, ela impele o desejo de se afastar dos perigos que o mistério do *outro* representa. Por produzir tais relações ambivalentes de alteridade, a *cidade*, para a sociologia urbana, constitui-se como possibilidade de produção de um novo *homem*, capaz de conviver com a *diferença* e, principalmente, de fazer dessa capacidade a razão de sua *humanidade*.

Nesse sentido é que tal saber acerca da *cidade* não pode esquivar-se de ser uma prática ascética para um novo tempo, o da *heterogeneidade*. Do mesmo modo, a imagem da *cidade* se constrói sob a forma de um *agora* e também de um *porvir*. O discurso da sociologia urbana pretende tanto falar da mudança, ao tempo em fala da *cidade* em sua instabilidade e *liquidez* constantes, quanto ser ele próprio uma prática da mudança. Mas não se trata, nesse caso, de uma mudança que se quer para a *cidade* – ela deve continuar sendo o lugar do estrangeiro e sua misteriosa presença, que produzem tanto o *medo do outro* quanto o *desejo de conhecê-lo*. Trata-se sim de intensificar esse *desejo* e fazer do homem um animal que conhece e da *cidade* um lugar que ensina.

Não é estranho que um saber problematizador do *cotidiano* – “[...] o espírito da cidade é formado pelo acúmulo de minúsculas interações cotidianas com o motorista do ônibus, os outros passageiros, o jornaleiro, o garçom do café” (BAUMAN, 2009, p. 88-9) – delineie para si uma dimensão prática, não só num sentido ascético, mas também na medida em que atua sobre determinado fazer arquitetônico e, conseqüentemente, sobre determinado modo de exercício do governo dos outros. A sociologia urbana constrói, assim, uma relação de incompatibilidade discursiva com a arquitetura modernista; o que esta entende como *racionalização da cidade*, aquela traduz como *homogeneização*. Por outro lado, não é difícil deduzir a gama de possibilidades que se abrem ao estabelecimento de uma relação de compatibilidade discursiva entre a sociologia urbana e aquilo que ela chama de *minorias sociais*.

Considerações finais

O saber produzido pela sociologia urbana aponta para um pensamento que se quer distante de qualquer noção de *identidade homogeneizante*. Os conceitos a partir dos quais ela analisa as relações, os espaços e os fenômenos do espaço urbano a conduzem, quase sempre, para a percepção de uma *cidade* impossível de se definir do ponto de vista de uma essência perene e estável.

Se, conforme Foucault (1999), a figura epistemológica da modernidade caracteriza-se pela emergência de um duplo empírico-transcendental sobre o qual se erigem tanto o discurso da filosofia antropológica quanto o das ciências humanas, a sociologia urbana do final do século XX e as rupturas arqueológicas que nela se evidenciam estão diretamente relacionadas a transformações que extrapolam os limites de seu próprio saber.

Este artigo, ao analisar o modo como a sociologia urbana olha para a cidade e o regime dessa possibilidade de *ver e dizer – visibilidade e dizibilidade –*, buscou compreender especialmente as relações interdiscursivas nas quais esse saber está embutido, tendo em vista que a sociologia urbana não se esquiva de aproximar-se e, por vezes, confundir-se com o discurso psicológico. Do mesmo modo, ela lança mão de um olhar que pressupõe a separação entre o *normal* e o *patológico*, dicotomia esta bem própria de um saber *clínico*.

Mas, sobretudo, este artigo empreendeu uma análise semântica, de modo que seu esforço maior esteve na argumentação da ideia de que a sociologia urbana constitui um saber cujo *sistema de restrição semântica* sustenta-se sobre a ideia de *heterogeneidade*. Esta possibilidade de falar, pautada no olhar para o *heterogêneo*, não se restringe ao saber acerca da *cidade*; ela atravessa outros discursos, especialmente os que se desenvolvem em torno da produção de saberes acerca do que a modernidade chama de *sujeito*, tomando-o, agora, a partir de sua multiplicidade ou heterogeneidade.

O que essa análise da sociologia urbana sugere – mas que esse artigo não se propôs a efetivar, haja vista a amostragem ainda reduzida dos enunciados que foram analisados – é a emergência de uma formação discursiva que, se comparada ao pensamento da *semelhança* do século XVI (FOUCAULT, 1999), poderia denominar-se pensamento da *dessemelhança* ou, para utilizar os termos da própria sociologia urbana, pensamento da *heterogeneidade*.

Esta formação discursiva, todavia, surge, neste momento, apenas como hipótese. Outras análises discursivas necessitam ser empreendidas, bem como a averiguação do modo como o conceito de *heterogeneidade* circula e se transforma de um ponto a outro. Não se trata

tanto de perceber um todo coeso e estruturalmente delineado, mas o *dispositivo* que permite a *repetição* sem, todavia, comprometer a *dispersão*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 1999.

BAUMAN, Zygmunt. *Confiança e medo na cidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 7.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

_____. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013. (Coleção Ditos e Escritos; 2).

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. *Ética, sexualidade, política*. Organização e seleção de textos Manoel Barros da Motta. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010. (Coleção Ditos e Escritos; 5).

_____. *História da loucura*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977.

MACHADO, Roberto. *Foucault, a ciência e o saber*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006 (3ª edição, revista e ampliada).

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 2ª ed. Campinas, SP: Pontes, 1993.

VEYNE, Paul. *Foucault, o pensamento, a pessoa*. Lisboa-PT: Edições Texto & Grafia, 2009. (Coleção Pilares).